

Marta Ubach expõe pela primeira vez na Região. Mostra ficará patente na Teia do Teatro Baltazar Dias

‘Devagar’ que se faz tarde...

“Esta exposição tem muito a ver com a Madeira. Tem muito verde, muita paz.”

AGARRAR O TEMPO

Susana de Figueiredo

susanafigueiredo@jm-madeira.pt

Devagar... O advérbio perde força nas sociedades contemporâneas, lugares de ação por excelência, onde quase sempre ‘parar’ é verbo proibido. É aí que irrompe ‘Devagar’, a transgressão de Marta Ubach contra a corrente, ou o excêntrico ‘convite a uma pausa’, essa fresta de (im)possíveis perdida algures entre tempo(s) e espaço(s). Pois não nos confinemos. ‘Devagar’ é advérbio de modo – perdoem, de modo. Vezes há em que a boca nos foge para a realidade – e cumpre-se [tão bem] no nome da

exposição que a artista plástica de Lisboa traz à Teia do Teatro Baltazar Dias, no próximo dia 27 deste mês, fruto de uma parceria entre a Galeria das Salgadeiras (Lisboa) e a Câmara Municipal do Funchal, com curadoria de Ana Matos.

O projeto, cujo fôlego corre entre o desenho e a pintura, é uma “convocação”; e lapida-se recuperando Padre António Vieira. “«devagar e em tempo» para que a alma não fique para trás”, lê-se na respetiva folha de sala, em que o texto prossegue rasgando o horizonte simbólico. “O coelho da Alice no País das Maravilhas, sempre a correr porque não tem tempo, exasperar-se-ia já que, apesar do circo ter chegado à cidade, reina a quietude induzida pela paleta cromática que Marta Ubach apresenta nesta exposição. Ao longe, poderemos ver

cores difusas em harmonia com o estado de espírito e de alma que a artista pretende suscitar. Contudo ao aproximarmo-nos e dialogarmos com estes seus mais recentes trabalhos, encontramos uma composição que nos transporta para o universo bem característico de Marta Ubach onde a pintura e o desenho se fundem e diluem, numa feliz contaminação”.

“De que falo? Das minhas urgências”, revela Marta Ubach ao JM, esclarecendo o quão urgente é serenar, silenciar, parar. E nisto, rapidamente nos sussurra a sua empatia com a ilha onde (se) expõe pela primeira vez, mas que é já território conhecido e sentido à pele. “A Madeira tem tudo a ver com esta exposição. É uma questão de identidade: a ilha tem muito verde, muita paz.”, diz-nos, vincando a ilha tangente a este ‘Devagar’, no silêncio e na névoa que se lhe cizrem.

É assim se avoluma esta narrativa orquestral de sentimentos e sentidos, esta serenidade à procura de uma urgência quase utópica. A este pro-

pósito, talvez valha a pena lembrar as palavras de Pepetela, numa entrevista ao JM: depressa ou com vagar, “sem a utopia não nos mexemos”. ‘Devagar’ convoca-nos a deambular pelo quotidiano e pelos seus ‘habitantes’ mais densos, através de uma espécie de cortina esvoaçante que, em vez de camuflar, ilumina e exaspera. “A névoa silencia. Vocês, ilhéus, sabem bem disso... Um dia de nevoeiro é sempre um dia mais silencioso”. São estes os melhores dias para agarrar o tempo, deduzimos; mas poderá o tempo parar? Poderemos cristalizá-lo dentro de um quadro? A ideia está lá, mas a (im)possibilidade reside em cada um: “Isso depende...”, reflete a artista, “o quadro é de quem o vê”. Será um sim? “A nossa ânsia é essa, não é? Perpetuar o tempo”.

Sim, ‘Devagar’ que se faz tarde. Vamos ‘de modo’ e sem medo, por entre a nuvem e o silêncio [20 obras adentro]. Para ver de 27 de outubro a 27 de novembro, um mês inteiro ao alto, na mágica Teia do Teatro Baltazar Dias. JM



Marta Ubach
(Lisboa, 1969)

Desde que terminou, em 1998, o curso de Teoria e Prática da Pintura, na Artlimitada com a orientação do professor Flúpe Rocha da Silva, tem apresentado regularmente os seus trabalhos em diversas galerias de Lisboa. A sua colaboração com a Galeria das Salgadeiras teve início em 2003 com a exposição ‘Magenta’. Aí já apareciam bem vinculados dois aspetos que caracterizam a sua prática artística: a figuração e a composição monocromática. Marta Ubach é, sobretudo, uma artista do Desenho, onde encontra o seu espaço de libertação e de expressão plena. Centra-se nas suas narrativas (im) possíveis, nas figuras, meio-humanas, meio-animalescas, que habitam essas composições. Uma figuração muito própria, com um latente sentido de ironia, num misto de contemplação e liberdade.

As personagens do seu universo pictórico vivem histórias simples, de encontros e desencontros, de jogos e brincadeiras, muito próximas da realidade de quem as observa. Como refere Tiago Salazar, no catálogo da exposição ‘Em Papel’, “Ver é tudo o que ocupa a pintora Marta.” JM



‘Toalha Branca’ (desenho sobre tela), uma das 20 obras da artista que poderão ser contempladas entre 27 de outubro e 27 de novembro.